

Um Manuscrito de Kant Recém-Descoberto

A revista *O que nos faz pensar* publica neste número pela primeira vez em português um manuscrito recentemente descoberto de Immanuel Kant intitulado « Sobre o Sentido Interno ». « Sobre o Sentido Interno » é um dos dois manuscritos cuja redescoberta foi anunciada em 1986 pela Biblioteca Pública do Estado Saltykov-Stschedrin, de Leningrado — por isso chamados « Folhas Soltas de Leningrado I e II ».

A transcrição do manuscrito aqui reproduzida foi feita por Werner Stark e publicada — ao lado da tradução russa — pela primeira vez por W. Stark, Reinhard Brandt e Arsenij Gulyga na revista *Woprossy Filosofii* (4, 1986). O segundo manuscrito foi publicado na revista *Kant-Forschungen* (vol. I, 1987, pp. 31 ss).*

« Sobre o Sentido Interno » não traz nenhuma indicação sobre sua data de redação, mas provavelmente foi escrito entre os últimos anos da década de 1780 e os primeiros da década de 1790, pois datam desta época várias reflexões de Kant dedicadas à refutação do idealismo.**

Agradecemos a cooperação da editora Felix Meiner, que nos permitiu publicar a transcrição e a tradução do manuscrito e agradecemos ao professor Valério Rohden, pela revisão da tradução.

- * Ver a « Nota Histórica » de R. Brandt publicada em tradução na *Revue de Théologie et de Philosophie* (119, 1987), junto da tradução francesa do manuscrito.
- ** As refutações do idealismo feitas por Kant depois da segunda edição da *Crítica da Razão Pura* encontram-se no volume XVIII da edição da Koeniglich Preussischen Akademie der Wissenschaften da obra kantiana. São as reflexões 5653-54 (pp. 306-313), 5709 (p. 332), 6311-12 (Kiesewetter, pp. 607-613), 6313-16 (pp. 613-623), 6319 (p. 633) e 6323 (p. 643).

Loses Blatt Leningrad I

Vom inneren Sinne[†]

Immanuel Kant

Vorderseite

/ [Es] (* Die Zeit) ist das bloß Subjective der Form der inneren Anschauung so fern wir von uns selbst afficirt / werden (* was) [und] daher nur die Art enthält wie wir uns selbst erscheinen nicht wie wir / sind. Wir können uns nämlich nur die Zeit vorstellen indem wir uns durch die /
5 Beschreibung des Raums und Auffassung des Mannigfaltigen seiner Vorstellung afficiren. / [und wir] durch das intellectueller Bewußtseyn stellen wir uns selbst vor aber wir er- / kennen uns gar nicht weder wie wir erscheinen noch wie wir sind und der Satz : Ich / bin ist kein Erfahrungssatz sondern ich lege ihn zum Grund bey jeder Wahrnehmung und um / Erfahrung zu machen. (Er ist auch kein Erkenntnissatz.) Bey der inneren Erfahrung aber die ich an- / stelle afficire ich mich selbst indem ich die
10 Vorstellungen äußerer Sinne in ein empirisches / Bewußtseyn [bringe um] meines Zustandes bringe. Dadurch erkenne ich mich selbst aber nur so fern / ich [affic] durch mich selbst afficirt bin wobey ich mir nicht so fern Erscheinung bin als ich mich / selbst durch Vorstellungen äußerer Sinne afficire ([dann] diese sind [diese] Vorstellungen [die] von Erscheinungen) / denn das ist Spontaneität, sondern (*sofern) ich durch mich selbst afficirt werde denn das ist [x] Receptivitet / Der Raum ist nämlich die Vorstellung
15 äußerer Gegenstände in der Erscheinung. Allein [diese / Vorstellung] die

† © Felix Meiner Verlag GmbH, Hamburg 1987. *Kant-Forschungen*, vol. 1, pp. 18-21.

Os sinais empregados na transcrição são os seguintes :

/ : indica começo de linha

ital. : indica passagem em letras latinas (não góticas)

negr. : indica passagem sublinhada

{ } : indica passagem riscada ou reescrita

< > : indica conjetura

(*) : indica acréscimo sobre ou sob a linha

Folhas Soltas de Leningrado I

Sobre o Sentido Interno[†]

Immanuel Kant

Frente

/ O tempo é o meramente subjetivo do modo da intuição interna, na medida em que somos afetados por nós / mesmos, e por isso ele encerra apenas a forma como nós aparecemos para nós mesmos, não como / somos. De fato, nós só podemos nos representar o tempo ao nos afetarmos pela / descrição do espaço e pela apreensão do múltiplo de sua representação. / Através da consciência intelectual nós nos representamos para 5 nós mesmos, mas não / nos conhecemos nem como aparecemos nem como somos, e a proposição / « Eu sou » não é nenhuma proposição de experiência mas, melhor dizendo, eu a coloco como fundamento a cada percepção para realizar a / experiência. (Ela tampouco é uma proposição de conhecimento.) Mas no caso da experiência interna que eu / realizo eu 10 afeto a mim mesmo ao trazer as representações dos sentidos externos a uma / consciência empírica do meu estado. Deste modo eu me conheço, mas apenas na medida / em que sou afetado por mim mesmo. Em virtude disto, eu não sou tanto uma aparência¹ para mim mesmo na medida em que / eu me afeto através de representações dos sentidos externos (estas são representações de aparências) / — pois isto é espontaneidade — mas, melhor dizendo, na medida em que eu sou afetado por mim mesmo, pois isto é receptividade. / De fato, o espaço é a representação de objetos 15 externos na aparência. Só que / a apreensão sintética dessas representações

† Os sinais empregados na tradução são os seguintes :

/ : indica começo de linha (aproximadamente)

ital. : indica passagem em letras latinas (termos latinos começam com maiúscula para se diferenciarem do correspondente alemão, p. ex. *Gegenstand* = objeto e *Objekt* = Objeto)

negr. : indica passagem sublinhada

() : indica acréscimo sobre ou sob a linha

As notas do tradutor se encontram ao final do texto.

(* synthetische) Apprehension dieser Vorstellungen [in] zu einem Bewußtseyn des Zustandes meiner / Vorstellungen blos die subjective Form meiner Sinnlichkeit / ist wie ich mir selbst vor dem inneren Sinne erscheine. — Hieraus ist zu sehen daß / wir keinen inneren Sinn haben
 20 würden und unser Daseyn nicht in der Zeit bestimmen könnten / wenn wir keinen äußeren (wirklichen) Sinn hätten und Gegenstände im Raume als von uns unter- / schieden uns vorstellten —

/ Man muß die reine (transsc :) Apperception von der empirischen *apperceptio percipientis* von der *apperceptiva* / *percepti* unterscheiden. Die erste sagt blos ich bin. Die zweyte ich war, ich bin, und ich werde seyn d. i. ich bin ein / Ding der Vergangenen der Gegenwärtigen und Künftigen [seyn] Zeit wo dies Bewußtseyn ich bin allen Dingen Bestimmung meines / Daseyns als Größe gemein ist. Die letzere ist cosmologisch die erste rein psychologisch. Die
 25 cosmologische *apperce* <ption> / welche mein Daseyns als Größe in der Zeit betrachtet setzt mich in Verheltnis gegen andre Dinge die da sind / waren und seyn werden denn das Zugleichseyn ist keine Bestimmung des Wirklichen in Ansehung des *percipientis* / sondern des *percepti* weil [alle Wahrnehmung in] das Zugleichseyn nur an dem vorgestellt wird was rückwärts / [in Ansehung der Vergangenen Zeit] eben so wohl als Vorwärts *percipirt* werden den kan welches nicht das Daseyn / des *percipientis* seyn kan die nur *successiv*
 30 d. i. vorwärts geschehen kan : — Was gegeben sey<n> muß ehe es / gedacht wird wird nur als Erscheinung gegeben. Mithin eine cosmologische Existenz ist nur die Existenz eines Dings / in der Erscheinung. Unmittelbar bin ich mir selbst nicht ein Gegenstand sondern nur der so [de] einen Gegenstand wahrnimt. / Nur so fern ich Gegenstände in der Zeit *apprehendere* und Zwar Gegenstände des Raumes bestime ich mein Daseyn in / der Zeit — daß ich mir meiner *a priori* als in *relation* gegen andre Dinge noch vor d<er p>erception
 35 derselben bewust / werden könne folglich meine Anschauung als eine äußere vor dem Bewußtseyn meines Eindrucks zum selben Bewußtseyn gehöre ist
 . nothwendig

Rückseite

1 / denn der Raum ist das Bewußtseyn dieser wirklichen Relation. Ob ich gleich hier afficirt werde so ist <es> doch kein / Schluß nöthig um daraus das Daseyn eines äußeren Objects zu schließen weil es zum Bewußtseyn meines / eigenen Daseyns in der Zeit also zum empirischen <apper> Selbstbewußtseyn (des Zugleich seyns) erfordert wird und / ich also es eben so erkenne als mich selbst. Ich bin mir meiner Selbst als Weltwesen unmittelbar und ur- / sprünglich bewust und eben dadurch allein ist mein
 5 eigen Daseyn nur als Erscheinung bestimmbar als Größe in der Zeit

/ Um der Existenz eines Einzelnen mir bewust zu werden dazu gehört ein Schluß aus wenigen im Raum bestimmten / Vorstellungen daß aber überhaupt etwas ausser mir existire beweiset die Raumesanschauung

em uma consciência do estado de minhas / representações está vinculada ao tempo, cuja representação é simplesmente a forma subjetiva de minha sensibilidade, / como eu apareço para mim mesmo diante do sentido interno. — Daí se pode ver que / nós não teríamos nenhum sentido interno, nem poderíamos determinar nossa existência no tempo / se não tivéssemos 20 nenhum sentido externo (real²) e não nos representássemos objetos no espaço como / distintos de nós.

/ É preciso diferenciar a apercepção pura (transcendental) da empírica, *apperceptio percipientis* de *apperceptiva* / *percepti*³. A primeira diz simplesmente eu sou. A segunda diz « eu era, eu sou e eu serei », isto é, eu sou uma / coisa do tempo passado, presente e futuro, onde esta consciência, « eu sou », é comum a todas as coisas enquanto determinações da minha / existência como grandeza.⁴ Esta última é cosmológica, a primeira 25 puramente psicológica. A apercepção cosmológica / que considera minha existência como grandeza no tempo me põe em relação com outras coisas que existem, / existiam e existirão, pois a simultaneidade não é nenhuma determinação do real com respeito ao *percipiens*, / mas antes com respeito ao *perceptum*, pois a simultaneidade só é representada naquilo que tanto pode ser *percebido* para trás / como para frente, o que não pode ocorrer com a existência / do *percipiens*, que só pode se dar *sucessivamente*, isto é, 30 para frente : — O que tem que ser dado antes de / ser pensado só é dado como aparência. Portanto, uma Existência cosmológica é apenas a Existência de uma coisa / na aparência. De uma maneira imediata, o que sou para mim mesmo não é um objeto, mas apenas aquele que percebe um objeto. / É somente na medida em que eu *apreendo* objetos no tempo e, na verdade, objetos do espaço, que eu determino minha existência no / tempo — é necessário que eu possa tornar-me consciente de mim mesmo *a priori* como estando em *Relação* com outras coisas antes mesmo da / percepção destas; 35 conseqüentemente, é necessário que minha intuição enquanto externa pertença à mesma consciência, antes da consciência de minha impressão,

Verso

/ pois o espaço é consciência desta Relação real. Embora eu aqui seja afetado, não é contudo / necessário nenhum raciocínio para concluir disto a existência de um objeto externo, pois esta é requerida para a consciência de minha / própria existência no tempo, portanto para a autoconsciência empírica da simultaneidade, e / deste modo eu a conheço tão bem como a mim mesmo. Sou consciente de mim mesmo imediata e / originariamente como um ser do mundo, e precisamente por esta única razão minha existência é determinável apenas como aparência, como grandeza no tempo. 5

/ Para que eu me torne consciente da Existência de algo singular é necessária uma dedução a partir de umas poucas representações determinadas no espaço; / mas que algo em geral fora de mim existe é demonstrado pela

ein Schluß aus wenigen im Raum bestimmten / Vorstellungen daß aber überhaupt etwas ausser mir existire beweiset die Raumesanschauung selbst welche nicht aus / der form des äußeren Sinnes und ohne diesen auch nicht aus der Enbl. Kraft entspringen kan folglich als ein wirklich / äußerer Sinn seine Möglichkt auf etwas ausser uns gründet. Afficirt zu
 10 werden setzt nothwendig etwas äußeres / Voraus beruht also durchaus auf einem Sinne. Daß wir uns selbst afficiren können (welches doch wenn überhaupt / ein Sinn existiren soll wenigstens muß angenommen werden) ist nur dadurch möglich daß wir die Vorstellungen [selbst] / apprenhendiren von Dingen die uns afficiren d. i. die von äußeren Dingen denn dadurch afficiren wir uns selbst / und die Zeit ist eigentlich die form der Apprehension der Vorstellung welche sich auf etwas ausser uns beziehen

15 / Die Schwierigkeit liegt eigentlich darin daß nicht begriffen werden kan wie ein äußerer Sinn / möglich sey (der Idealist muß ihn läugnen) denn das äußere muß vorher vorgestellt, / werden ehe ein Object hineingesetzt wird. Hatten wir aber keinen äußeren Sinn so hatten wir auch / keinen Begrif davon, Daß aber etwas äußeres meiner Vorstellung correspondire und den Grund / der Existenz derselben enthalte kan keine Wahrnehmung seyn muß also blos in der Vorstellung des / Raums als einer form der Anschauung liegen die nicht vom inneren Sinn abgeleitet werden / kan worin die Verbindung oder das Verhältnis der Dinge die voneinander unterschieden sind / gedacht wird. Der
 20 Grund dieses nicht für eine blos innere Bestimmung und Vorstellung seines / Zustandes zu halten ist weil diesem das Beharrliche in dem Wechsel der Vorstellungen fehlt.

/ Das Bewußtseyn unserer Receptivität in Ansehung der inneren oder äußeren Bestimmungsgründe unserer Vorstellung und der mit / ihr verbundenen Form sinnlicher Anschauung muß *a priori* in uns statt finden (ohne auf die letzteren aus wirklichen / Wahrnehmungen schließen zu dürfen weil sonst der Raum nicht *a priori* vorgestellt werden würde, der von / keinen inneren Bestimmungsgründen der Vorstellungskraft abgeleitet werden kan weil alles an ihm als außer uns vorgestellt / würde und es unmöglich ist sich Vorstellungen im Raum existirend zu denken folglich der innere Sinn nie- / mals [solche] Raumesvorstellungen geben könnte weil es wenigstens / möglich seyn muß sich solcher vorstellungen als zum inneren Sinn gehörig bewusst
 25 zuwerden — Daß / es also keine äußeren Sinn gebe sondern blos [entweder] innerer Sinn und allenfals noch Schlüße aus den / wirklichen Wahrnehmungen desselben auf etwas ausser uns ist unmöglich weil sonst gegenstände des Inneren Sinnes / (Vorstellungen) auch als im Raum müßten [ange] gedacht werden.
 30

própria intuição do espaço, que não / pode surgir da forma do sentido externo e tampouco, sem este, da imaginação. Conseqüentemente, como um sentido externo / real, ele tem o fundamento de sua possibilidade em algo exterior a nós. Ser afetado pressupõe necessariamente algo exterior, / repousa portanto 10 totalmente sobre um sentido. Que nós possamos afetar a nós mesmos (o que, contudo, é o mínimo a ser admitido / se um sentido, em geral, deve existir) só é possível pelo fato de que nós apreendemos as representações / das coisas que nos afetam, isto é, representações de coisas externas, pois deste modo afetamos a nós mesmos / e o tempo é, propriamente, a forma da apreensão das representações que se referem a algo exterior a nós.

/ A dificuldade reside propriamente nisto : não se pode compreender como é possível um sentido externo / (o idealista tem que negá-lo), pois o exterior tem que ser representado / antes que um Objeto seja aí 15 inserido. No entanto, se nós não tivéssemos nenhum sentido externo, também não teríamos / nenhum conceito dele⁵. Mas que algo exterior corresponda à minha representação e encerre o fundamento / da sua Existência não pode ser nenhuma percepção, deve portanto residir simplesmente na representação do / espaço como uma forma da intuição que não pode ser derivada do sentido interno / e na qual é 20 pensada a ligação ou a relação entre coisas distintas / umas das outras. A razão para não tomarmos por uma mera determinação interna e uma mera representação do seu / (i. é, do sujeito) estado é que falta a este estado a permanência através da mudança das representações.

/ A consciência de nossa receptividade com respeito aos fundamentos internos ou externos da determinação de nossa representação, e / da forma da intuição sensível ligada a esta receptividade tem que ter lugar *a priori* em nós (sem que possamos concluir esta forma da intuição a partir de percepções / reais, 25 pois de outro modo o espaço não seria representado *a priori*. Este / não pode ser derivado a partir de nenhum fundamento interno de determinação da faculdade de representação, pois tudo o que lhe concerne seria representado / como fora de nós, e é impossível pensar representações existindo no espaço. Conseqüentemente, o sentido interno / nunca poderia nos dar representações espaciais, o que contudo bem deveria poder ocorrer, pois deve ser / possível pelo menos tornarmo-nos conscientes de tais representações como pertencendo ao sentido interno). — É / portanto impossível que não haja nenhum sentido 30 externo, mas simplesmente sentido interno e, principalmente, é impossível concluir / a existência de algo exterior a nós a partir de percepções reais deste sentido interno, pois então objetos do sentido interno / (representações) também teriam que ser pensadas como estando no espaço.

Notas

1 « Aparência » : *Erscheinung*. *Erscheinung*, em Kant, tem o sentido de designar simplesmente aquilo que se mostra aos homens, o objeto de uma intuição empírica ainda não submetido à reflexão. A tradução literal por « aparição » ou « manifestação », no entanto, não se mostra ser a melhor, já que « aparência » é um conceito da tradição filosófica que está sendo discutido aqui e em outros momentos da obra kantiana. Para designar mais especificamente o objeto de uma cognição possível, submetido a categorias, Kant reserva o termo latino correspondente *Phaenomenon*. No entanto, mais significativa do que a distinção entre *Erscheinung* e *Phaenomenon* são as oposições entre *Erscheinung* e *Schein*, *Phaenomenon* e *Noumenon*. Os conceitos de « aparência » e « fenômeno » abarcam o âmbito da realidade, no qual tanto a verdade como o erro são possíveis. No entanto, mesmo uma percepção errônea se dá sobre um fundo de verdade (de existência). No âmbito dos objetos de pensamento (*Noumena*), porém, coloca-se a possibilidade de uma aparência totalmente falsa, isto é, de uma ilusão (*Schein*). Assim, podemos traduzir o termo *Erscheinung* por « aparência », de acordo com a intenção original de Kant de empregar um termo não técnico, ao mesmo tempo preservando a conexão entre aparência e verdade, mais do que entre aparência e erro ou ilusão.

2 « Real » : *wirklich*. Aqui, como em outros escritos, Kant usa a forma alemã (em vez da latina) quando quer dar um uso mais abrangente e menos qualificado a um termo. *Wirklich* significa « real » no sentido de « efetivo » ou « dado », enquanto *real*, em geral, se refere a representações, indicando que elas têm referência ou validade objetiva (na *Crítica da Razão Pura*, espaço e os esquemas têm *Realität*). O uso somente da primeira forma do adjetivo parece indicar apenas que os argumentos idealista e solipsista precisam negligenciar certos dados imediatos de experiência (« sou consciente de mim mesmo imediatamente como um ser do mundo »).

3 *Apperceptio percipientis* : apercepção do percipiente (daquele que percebe). *Apperceptiva percepti* : expressão errada ou incompleta. Pode ser compreendida como *apperceptio percepti* (apercepção de perceptos) ou *facultas apperceptiva percepti* (faculdade aperceptiva de perceptos). No último caso sigo a sugestão de Georg Mohr e Gehard Seel no comentário da já mencionada tradução francesa.

4 « Grandeza » : *Größe*. De acordo com os « Axiomas da Intuição » (*Crítica da Razão Pura*) uma aparência é algo suscetível de medida quanto à sua posição no espaço e duração no tempo — isto é, é uma grandeza. A minha própria existência também é apreendida como grandeza (duração). Cada pensamento e cada representação são acompanhados por uma consciência (« apercepção transcendental ») que me diz que eu sou aquele para quem algo aparece e que pensa alguma coisa. Kant está aqui polemizando com o « idealismo problemático » de Descartes, e reduzindo o peso do *cogito* cartesiano ao afirmar que a apercepção transcendental nunca poderia dar nenhum objeto ou autopercepção do sujeito, mas é simplesmente o « eu sou » que acompanha todas as minhas representações.

5 « Dele » : *davon*. Pode referir-se tanto ao sentido externo como ao « exterior » (linha 15).